



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIA
CAMPUS XVIII – EUNÁPOLIS
COLEGIADO DE LETRAS**

DÉBORA CARDOSO SACRAMENTO

**UMA ESCRITA DA VIDA: REFLEXÕES A PARTIR DE “OLHOS D'ÁGUA”
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**EUNÁPOLIS - BA
2023**

DÉBORA CARDOSO SACRAMENTO

**UMA ESCRITA DA VIDA: REFLEXÕES A PARTIR DE “OLHOS D'ÁGUA”
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas e Literatura do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia – *campus XVIII*.

Orientadora: Prof^a Dr. Andréia Cristina Freitas Barreto.

**EUNÁPOLIS - BA
2023**

DÉBORA CARDOSO SACRAMENTO

**UMA ESCRITA DA VIDA: REFLEXÕES A PARTIR DE “OLHOS D'ÁGUA” DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas e Literatura do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia – *Campus XVIII*.

Aprovada em: 08/12/2023

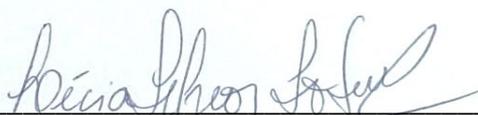
BANCA EXAMINADORA



Orientadora - Prof.^a Dr. Andréia Cristina Freitas Barreto
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Prof. Dr. Diego Ramon Souza Pereira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)



Prof.^a Esp. Lícia da Silva Sobral
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

**EUNÁPOLIS - BA
2023**

A escrita é nessa dinâmica de escutar, ver, muito da vivência mesmo. Por isso é escrevivência — que não precisa ser dinâmica, pode ser também no ato de contemplação. Eu posso estar contemplando a vivência no outro, e transformá-la em escrita. Nasce desse compromisso com a vida, tanto nas experiências individuais como do outro. É no desejo de captar a dinâmica da vida, esse fluir que se dá o tempo todo. A vida está fluindo do meu lado, em mim, na minha frente, nas notícias, nos contatos, no próprio isolamento. A percepção da vida, para transformá-la em escrita.

EVARISTO, Conceição. (2021).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me proporcionar mais do que eu mereço.

Ao meu esposo, que por vezes teve paciência e cumplicidade nas minhas inseguranças e não soltou minha mão... sempre me lembrou que sou capaz.

Aos meus filhos, a Daniely que por vezes me trazia o que comer, quando estava muito focada nos trabalhos acadêmicos, e o Théo que mesmo de maneira indireta, me ajuda.

Á minha mãe, que foi a responsável por eu conseguir concluir o meu curso.

Aos meus irmãos que tanto amo, em especial Edcarla que já no finalzinho de curso serviu como uma espécie de baba para Théo (meu filho recém-nascido) vocês são minhas maiores alegrias.

A minha amiga, Marina que me incentivou a retornar os meus estudos e por vezes me direcionou na construção desse trabalho. (“O homem que tem amigos deve agir amigavelmente, e há amigo mais chegado do que um irmão.”).

As minhas amigas conquistadas na universidade, Thamisa e Rafaela que por diversas vezes seguramos as mãos umas das outras, sabendo que a união é o que comanda o sucesso de seus feitos e que desde o primeiro contato na universidade, não nos afastamos mais.

A minha prezada e querida orientadora, prof^ª Andréia Freitas, pelo carinho, dedicação e amizade.

RESUMO

A literatura, possui suas raízes na experiência de cada indivíduo, e no conto ‘Olhos D’água’, a autora Conceição Evaristo utiliza fragmentos da sua realidade para compor o texto, usando o conceito de “Escrevivência”. Desse modo, este estudo objetiva-se analisar os fragmentos vivenciais de uma mulher e professora em formação (Essa que vos fala) a partir do conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo. Sendo assim, nos debruçamos nessa obra, para realizar uma série de discussões acerca das mazelas sociais. Após analisar os fragmentos vivenciais no conto Olhos D’água, é possível ter uma perspectiva dos conflitos sociais e históricos, sendo uma representação do grito dos negros que foram e são silenciados, representando a realidade da população brasileira, que é em sua maioria negra.

Palavras-chave: Olhos d’água. Escrevivências. Representação Feminina. Representação da Mulher Negra.

ABSTRACT

Literature has its roots in the experience of each individual, and in the short story ‘Olhos D’água’, the author Conceição Evaristo uses fragments of her reality to compose the text, using the concept of “Writing”. Therefore, this study aims to analyze the experiential fragments of a woman and teacher in training (the one who speaks to you) based on the short story “Olhos d’água” by Conceição Evaristo. Therefore, we focused on this work, to carry out a series of discussions about social ills. After analyzing the experiential fragments in the short story Olhos D’água, it is possible to have a perspective on social and historical conflicts, being a representation of the cry of black people who were and are silenced, representing the reality of the Brazilian population, which is mostly black.

Keywords: Olhos d’água. Writings. Female Representation. Representation of Black Women.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DE QUE COR SERIA OS OLHOS DE SUA MÃE?: A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	10
4. A MULHER NEGRA E O SEU LUGAR DE FALA	18
5. A MAÇÃ QUE MUDA DE COR: REFLEXÕES SOBRE O MEU LUGAR E O ENCONTRO COM AS ESCRIVÊNCIAS	20
REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

A literatura, assim como todas as manifestações artísticas, tem suas raízes nas experiências de cada autor/a. Em outras palavras, para compreender o objeto literário é necessário ir além da singularidade do texto (BOSI, 2002) como a compreensão dos contextos históricos, culturais, econômicos e sociais.

Percebe-se que no conto ‘olhos d’água’, Conceição Evaristo (2014) utiliza fragmentos da sua realidade para compor o texto. Usando o conceito de “Escrevivência”, Evaristo, assim como a autora principal deste estudo (esta que vos fala), é uma mulher negra, nascida numa favela e com uma origem socioeconômica desfavorecida, ambas foram criadas quase exclusivamente pela mãe e a presença de muitos irmãos na casa, além de terem começado a trabalhar como empregada doméstica ainda na infância, realidade essa, que não é exclusiva a muitas mulheres de que possui.

Diante desta relevância, o gênero literário *conto*, escolhido para análise deste estudo, trata de uma narrativa pequena que acontece em torno de um conflito, com moderado número de personagens e que visa narrar situações fictícias ou reais. Nesta perspectiva, (GOTLIB, 2016) afirma que os contos são histórias ilusórias que foram evoluindo, apresentados antes no formato oral, posteriormente escrito e em seguida adere ao título literário.

Essas demarcações históricas, sociais, econômicas e culturais demarcam a nossa trajetória pessoal de mulher que mesmo em meio ao caos, em circunstâncias desfavoráveis, mesmo não fazendo parte do padrão determinado pela sociedade e que por muitas vezes foram excluídas pelo sistema, precisou se descobrir capazes de serem protagonista de suas próprias histórias. Similarmente, a minha trajetória casa-se com a de Evaristo, porque sou mulher negra, periférica de cabelos crespos e condição socioeconômica precária, a ponto de ter dias de não se alimentar por falta de dinheiro, ou pintar uma maçã de roxo já que a mesma distava da minha realidade.

A história de vida da autora Conceição Evaristo (2014), possui grande relevância social pois diferente da autora, em diversos momentos, a população mais vulnerável não possui acesso aos cursos de nível superior. Assim como, do ponto de vista da igualdade de gênero, onde as são desfavorecidas, onde sempre há desvantagens, oriundas do peso do patriarcado, devendo assim o acesso a educação ser levada ao conhecimento do maior número de pessoas possível.

Diante da importância do tema, elencamos dois questionamentos que nortearam o desenvolvimento dessa pesquisa, sendo ele: 1) Com base no conto “Olhos d’água” de

Conceição Evaristo (2014), qual o significado do termo “escrevivências”? 2) A partir da potencialidade do conto, quais entrecruzamentos consigo fazer por meio das minhas vivências como mulher e professora em formação?

Assim, diante da magnitude acadêmica desta investigação científica, essa pesquisa, do tipo qualitativa, objetiva analisar os fragmentos vivenciais de uma mulher e professora em formação (Essa que vos fala) a partir do conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo.

2. DE QUE COR SERIA OS OLHOS DE SUA MÃE?: A ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Em 2014 a autora Conceição Evaristo pública o conto “olhos D’água” (2014) e ao narrar fica explícito algumas características de sua trajetória de vida, apontando-nos para o termo “escrevivência”. Em sua obra, Evaristo acorda pela manhã em um lugar que não é a sua terra natal, porém, ela está ali para tentar uma vida financeira melhor. Nesta mesma manhã surge em sua mente uma interrogação, “de que cor seriam os olhos de sua mãe?”

Embora ela recordasse muitos detalhes de sua mãe, como a unha do dedinho mindinho do pé à pinta no topo da cabeça, a autora não tinha lembranças da cor dos olhos e na tentativa de resposta para essa falta de lembrança, Conceição Evaristo dá espaço para mais um dos seus escritos fascinante, Olhos D’água.

Crescida em uma favela em Belo Horizonte, a autora escrevia sobre as dificuldades que passava no seu dia-a-dia, o que de fato contribuiu para a literatura que hoje produz. Cunhando o termo “escrevivência” para narrar algumas de suas histórias, Evaristo explica com clareza em algumas de suas entrevistas como, onde e quando nasce esse termo.

Diante disso, “escrevivência” é o ato de escrever a partir das experiências vividas. Esse processo de escrita da vivência é iniciado por Evaristo no final de 1970 ao início de 1980, quando a mesma escreve o livro *Becos de Memória* (ANO). Apesar de ser aceito em 1970 só foi publicado em 2006, ficando engavetado 20 anos e isso já dá margem a algumas questões do que envolve a escrevivência. Conforme exposto pela autora:

[...] escrever *Becos de memória* foi perseguir uma escrevivência, por isso também busco a primeira narração a que veio antes da escrita, busco a voz, a fala de quem conta para se misturar a minha, assim nasceu a narrativa de becos de memória. Primeiro foi o verbo de minha mãe ela dona Joana me deu o molde, Vó Rita dormia embolada com ela. A voz de minha mãe me trazia lembranças de nossas vivências em uma favela que já não existia mais no momento em que se dava aquela narração. (Evaristo, 2006).

Acima, Evaristo explica a respeito da escrevivência literária, tratando-se de uma escrita ou narrativa que nasce no corpo, que parafraseando as palavras de Oyěwùmí (2021, p. 29) é no corpo que as suas profundidades carregam consigo uma lógica própria transbordando através das suas crenças, posição social e linguagem, portanto “uma vez que o corpo é o alicerce sobre o qual a ordem social é fundada, o corpo está sempre em vista e à vista”, além da marca da voz, e até mesmo na fala dos que contam. Portanto, a literatura vai além de apenas escritas.

Apesar de não restar dúvidas das suas escrevivências em suas obras, o termo só ganha ênfase quando em um seminário, no ano de 1995, fazendo parte de uma mesa de escritoras negras, Conceição usa a seguinte fala: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa

grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”(Evaristo in Cazes, 2016). Essa frase da Conceição, remete aos tempos da escravatura, essa era a imagem que predominava na caminhada inicial da construção Brasileira. A mãe preta, sendo escravizada na casa grande e ali contavam histórias para os filhos brancos.

Esse processo de narrar histórias aponta para a ancestralidade da autora por conta de ser um costume de África, o que nos norteia a compreender mais uma vez suas escrevivência: “[...] eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também” (EVARISTO, In Cazes, 2016). Embora Evaristo tenha cunhado o termo escrevivência, já havia outras escritoras que escreviam sobre o seu dia-a-dia, a contar Carolina De Jesus, poetisa, escritora e brasileira. Tornou-se conhecida com o seu livro quarto de despejo, 1960, diário de uma favela.

Nessa perspectiva, tratando-se da escrita da autora Maria Carolina (1960), apesar de ser apaixonada pela leitura e por letras, era pouco instruída. Catadora de papelão e moradora de uma favela no estado de São Paulo escrevia as suas experiências de vidas e esses manuscritos se transformaram em “Quarto de Despejo” (1960), traduzido em vários idiomas tornou-se campeão de vendas, apesar de não está escrito nas normas padrão da Língua Portuguesa, evidenciou a partir da vivência da autora o cotidiano da favela. Após ser descoberta por um jornalista as escritas de Carolina, os manuscritos foram publicados.

Assim, Maria, a protagonista do seu diário e mãe de três filhos um dia se viu despejada e sem nem uma condição financeira, começou a catar papelão para a sobrevivência de sua família. Nos cadernos achados em algumas de suas caçadas, ela começa a escrever a sua rotina, em outras palavras, as suas vivências. A autora aborda sobre política, raça e também sobre desigualdade social, este último, ganhando grande espaço em suas escritas por conta da pobreza em que vivia. Sobre isso, Carolina Maria de Jesus escreve:

Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (DE JESUS, 1960, p. 174).

Refletindo ainda as mazelas sofridas, Caroline ao longo do seu livro descreve a cor da fome: “Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos” (De Jesus, 1960, p. 99). Ao escrever o seu diário, a autora com as suas vivências, leva o leitor a uma reflexão para um novo olhar ou um olhar atento a

tantas desigualdades sociais. Escrivência e desigualdade social são fatores que permitem criar pontes que liga escritas de Carolina De Jesus as de Conceição Evaristo.

Retomando a caminhada da autora Conceição Evaristo na busca pela cor dos olhos de sua mãe, no corpo do conto “olhos D’agua” a autora narra sua infância que foi cercada de muita simplicidade havendo dias que lhe faltava até mesmo o alimento:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. (...) às vezes as histórias da infância de minha mãe se confundiam com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando minha mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento (EVARISTO, 2014, p.16).

A desigualdade social percorre o seu poema com narrativas de miséria e exclusão. Não só nas suas escritas mais também na sua oralidade. Assim, Conceição chama atenção da humanidade a respeito da desigualdade, deixando entendido que é um problema vivo no país e é herdado, como exposto no trecho a seguir: “Lembro-me ainda do temor da minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama agarrava a nós, ela nos protegia com o seu abraço. E com os olhos alagados de pranto, balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós” (Evaristo, 2018 p.16), o que reafirma as mazelas sofridas pela população negra do Brasil.

3. “OLHOS D’ÁGUA”: UMA REFLEXÃO ACERCA DO POVO NEGRO NOBRASIL

Ao longo da narrativa perpassam-se vários contextos sociais, chamando atenção para debate de religião. Na obra, ao se tratar dos dias chuvosos, a autora discorre sobre o temor vivido pela sua mãe nos dias de forte chuva devido à fragilidade da casa onde residiam, e com lágrimas nos olhos, orava crendo na proteção dos cuidados divinos que muito se aproximam as minhas lembranças, a experiência em dias que minha casa, mais se assemelhava a um barco numa tempestade preste a naufragar, rodeada pela imensidão do oceano, devido a chuva que carregava meu lar.

É importante ressaltar ainda a desigualdade socioeconômica existente e o fato desse apontamento ganhar ênfase no texto, evidenciando questões que assolam o mundo até os dias de hoje, tais quais, a pobreza e a miséria. Nesta direção, a autora discorre sobre a fome relatando dias em que a sua mãe colocava água no fogo para ferver, mas não haviam alimentos a serem cozidos, estes dias eram os em que mais brincavam, já que era a maneira que sua mãe encontrava para distrair a fome.

Ao redescobrir a cor dos olhos de sua mãe, Evaristo, se depara com o dogma da ancestralidade, e após esse reencontro passou a buscar pelos olhos da sua filha, já que para a autora os olhos delas tornaram-se espelhos, deve-se considerar que a autora foi surpreendida como o acontecimento em que a sua filha procura em sua face a cor dos seus olhos.

A rotina descrita relata o trabalho das mulheres como lavadeiras, embora a escravidão já estivesse sido abolida, os afazeres dos dias assemelhavam-se, sendo o ganho pouco ou quase nenhum, para realizações de tarefas que se estendiam para além de só domésticas, nesta perspectiva o autor Lobo (2007) afirma que:

A data oficial da abolição tem sido crescentemente refutada pelos escritores afros da atualidade como pouco representativa de uma verdadeira libertação dos escravos, pois eles a associam à história dos vencedores, veiculada nas escolas, tendo como símbolo a figura paternalista da Princesa Isabel, que outorga, como pena dourada, a “liberdade” aos escravos. Tal postura leva ao esquecimento do aspecto da pressão social exercido pelas rebeliões de escravos, consistindo do fenômeno do quilombismo, e o importante papel de abolicionistas como Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Luis Gama, Cruz e Souza, Joaquim Serra, Maria Firmina dos Reis, Castro Alves e outros. (LOBO, 2007, p. 339).

Dessa forma, encarregar uma data específica para a abolição da escravatura seria como anular todas as mazelas vividas sofridas por tantas pessoas. além da ausência de figuras masculinas, fazendo assim alusão ao dia a dia das tantas mulheres, as quais além de serem responsáveis familiares, carregam sozinho o peso da educação dos filhos e das tarefas domésticas, estando sempre equidistantes dos homens.

O exposto no conto, ressalta um histórico da população negra no Brasil, que durante a história lhes foi negado o protagonismo, ou melhor dizendo, foi lhes dado somente um lugar de fala de dor, perseguição, luta e desigualdade. Sendo assim Maria Firmina dos Reis, afirma que:

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Embalde procurará um dentro nós convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo. (REIS, 2004, p. 02).

Apesar do “fim” da escravidão, esse período sempre será lembrado pelas crueldades, carregada pelo peso de ter roubado vidas, famílias, sonhos, futuros e oportunidades. Desde o século XVI, quando muitas famílias africanas foram trazidas forçadamente, no intuito de aumentar as riquezas de seus algozes, e para servir aos europeus que ocuparam estas terras. Akotirene (2021, p. 80) destaca que “os povos colonizados herdaram traumas psíquicos, perderam significados espirituais, linguísticos e cosmológicos como parte da subjugação” que respaldou a posição violenta dos brancos europeus sobre os negros, os levando a condições terríveis e desumanas.

Nesse sentido, Sobral (2005) traz luz a tão importante discussão de que ao povo negro não foi dado direitos, apenas deveres, e nesse ponto, é preciso ressaltar que as pessoas escravizadas não se enxergavam como subalternos, essa era uma ideologia senhorial que lhes foi imposta, fazendo com que ocorresse uma depreciação e uma negação de tudo aquilo que estava associada ao povo negro.

Os homens e mulheres afro-brasileiras nunca se desumanizaram, eles amaram, constituíram família, buscaram valorizar seus laços, crenças, culturas e sempre lutaram por melhores condições de vida, não se conformando com sua condição de escravos e por isso eram vistos como desobedientes e rebeldes, sendo castigados e marcados, a fim de que os senhores de escravos, reafirmassem seu poder.

Apesar de toda a violência física a que eram submetidos, e poucos foram os escravizados que não eram castigados, tentavam de muitas formas conquistar sua liberdade, inclusive juntando os poucos ganhos que obtinham para comprar sua alforria. Em sua gana pela liberdade, mesmo sob grande vigilância, castigos e ameaças, não eram suficientes para garantir a submissão dos cativos e era por meio dessas lutas, que os mesmos conseguiam ganhar espaços de negociação por melhores condições de vida.

E assim foi por muito tempo, e mesmo com a lei áurea (1888), lei que abolia a escravidão no Brasil e passou a considerar crime qualquer ato relacionado a isso, os afro-brasileiros continuaram lutando e lutam para serem reconhecidos como iguais em direitos e serem respeitados socialmente, dentro da história, na educação, na conquista de moradias e no trabalho.

É importante destacar que a mulher negra, teve e tem, grande papel representativo mesmo que seu protagonismo seja posto de lado, dentro da literatura cânone e na nossa construção sócio-histórica. Embora muito se tenha ficado à margem, existem muitos estudos que ressaltam a mulher negra escravizada e sua importância no período pós-abolicionista.

Existe ainda um processo de apagamento histórico dos escritores negros, que passaram por um processo de embranquecimento. “Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir.” (FANON, 2008, p. 96). Entretanto, cada vez mais ganham lugar, onde afirmam sua identidade e pertencimento na construção de toda história do país e de seu futuro, mesmo que ainda se tenha muito a percorrer.

Aqui apresentamos a literatura negra como protagonista que firma sua posição nas lutas, histórias e vivências, usando a linguagem e oralidade para consolidação de sua identidade contrariando a imagem forjada pelo seio da sociedade colonialista, que busca segundo Ribeiro (2017) deslegitimá-la, desconsiderando as desigualdades que são geradas pelo modo que são estabelecidas, privilegiando certos grupos em relação a outros. Trazendo assim, uma mescla de batalhas e vitórias, por meio de poemas, contos, artigos e livros.

Ao fazer a análise do conto Olhos D’água, busca-se sob a perspectiva de Durão (2015) demonstrar uma significação concreta de acordo com a realidade encontrada através dos escritos. Para que possamos entender a importância da literatura negra, em sua suma da literatura negra feminina em nosso país, é preciso que se lembre um pouco da história do povo negro em território brasileiro.

Nesse sentido, “Olhos d’água” é um exemplo da coexistência rotineira com a violência contra a pessoa negra, percebe-se que a obra é uma forma de resistência contra o silenciamento e esquecimento, realidade de familiaridade de Evaristo. A busca pela ancestralidade, marcada pela angústia da personagem principal em saber qual é a cor dos olhos de sua mãe, uma forma de enxergar a si mesma e a sua identidade perdida e a sua procura por suas origens é marcada aqui. Nessa perspectiva, a ancestralidade é um elo forte ligando o passado e o futuro, sendo o passado representado pela mãe e o futuro pela filha e isso está marcado no final do conto quando

a narrada de frente a sua filha repete o questionamento da cor dos olhos, dessa vez uma buscando na outra a verdadeira cor de seus olhos como uma brincadeira.

O negro passou a ser símbolo de uma força sobre-humana, comparado com animais, um ser que não tem consciência e nem raciocínio, sua sexualidade ainda é tão explorada, como ilustrado por Lucinda (2006), sua ancestralidade passou a ser sinônimo de coisas ruins, motivo de medo e discriminação, elementos nos quais Evaristo traz em sua obra com a perspectiva de uma pessoa negra, para pessoas negras (e brancas também), não como objeto de estudo, mas como protagonista de sua história, dialogando com as análises de Oyewùmíque (2021,p. 29) sinaliza que o “olhar é um convite para diferenciar”, ou seja, para novas abordagens são necessárias novas epistemologias.

Evaristo é atualmente uma das representantes mais notórias do cenário da literatura afro-brasileira, ou “literatura negra”. A expressão “literatura negra” sustenta em si os enfrentamentos de conscientização da população negra, tendo em vista que a literatura afro-brasileira busca resgatar os processos de construção da identidade dos afro-brasileiros que foram e são excluídos para se enquadrar no modelo de sociedade então instituído. Não apenas no cotidiano, mas também no universo da literatura, todo o período anterior ao modernismo seguia os padrões europeus e toda obra que fugisse do cânone, esse que era exclusivamente de homens, brancos e ocidentais, era considerada como literatura marginalizada.

Outra figura literária afro-brasileira notável é Carolina Maria de Jesus (1960), que antecede Evaristo, entretanto ambas trazem em suas obras relatos de suas realidades, por exemplo na obra *Quarto de despejo* (1960), originada a partir dos diários de Carolina, questionada se era ou não literatura em um evento da Academia Carioca de Letras que foi feito em homenagem a própria, narrava a rotina da sua vida, de seus filhos, as dificuldades que ambos passavam, os anseios de uma mulher negra e periférica que em muitos momentos deseja apenas um prato de comida pra si e para os filhos (DE JESUS, 1960). Dialogando com essa experiência, Evaristo em entrevista para o Itaú social, diz que a função das histórias de hoje é incomodar.

O papel do conto “Olhos d’água” é justamente esse, trazer retratos da realidade dura que vem perdurando durante anos e todo esse tempo foi silenciada, mas que hoje alguns escritores conseguiram furar a bolha da literatura tradicional e transformar a vivência em ficção, e dessa forma fazer um “protesto”, incomodar, e a forma como o texto é construído não é por acaso, a forma poética que o conto vai desenvolvendo é proposital, com o uso de analogias e serve como meio de afirmação e criação da identidade de uma escrita negra brasileira.

Na busca pela cor dos olhos de sua mãe a personagem principal quer resgatar suas origens que estão perdidas pelo afastamento do seu local de origem. Pensar nos olhos é também

pensar como essas personagens enxergam o mundo e também a si mesma, suas lutas e suas dores, e com isso Evaristo traz à tona problemas relacionados a questões sociais como racismo, demandas sociais, culturais e religiosas das quais a narrada enfrenta ainda na infância e a afasta de sua ancestralidade que ela busca ao longo do conto. A busca pela cor dos olhos é a ligação entre o passado, o presente o futuro, mãe, filha e neta ligadas pela ancestralidade e as dores, das quais carregam juntas e como a própria Evaristo diz, ‘escrever é sangrar’.

4. A MULHER NEGRA E O SEU LUGAR DE FALA

O termo “lugar de fala” torna-se popular no Brasil por meio da autora Djamila Ribeiro (2017) que ao expor o livro que conseqüentemente ganha o mesmo nome, descreve a respeito afirmando que o conceito endereça ao lugar de voz de quem fala. O individuo tem propriedade para falar do tema seja qual for se já estiver vivida aquela experiência sendo ela uma realidade social, financeira ou até mesmo pessoal.

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar porem, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. (Ribeiro, 2017, p.39).

Diante disso as mulheres por muito tempo foram vistas como inferiores aos homens em diversos cenários, como a política e a educação. Em virtude do patriarcado, as mulheres foram silenciadas, excluídas e estereotipadas, e desse modo, aquelas que estavam centradas em interesses hegemônicos e nas relações econômicas tinham uma imagem fragilizada, pouco intelectual, sobretudo as mulheres negras.

Em geral, foram desvalorizadas, contudo, as negras carregavam um estigma muito maior em todos os meios que se encaminharam. Sabe-se que o cânone literário, em suma, é constituído historicamente por obras produzidas pelo homem, branco, de elite, entranhado de ideologias socioculturais dominantes, onde se favoreciam e ditavam as regras das produções e suas representações. Dessa forma, não eram permitidos qualquer tipo de produções, principalmente as que não correspondem aos interesses da classe branca, masculina e elitizada, como as obras de pessoas que não correspondiam com o esperado, ainda mais as mulheres não brancas e desfavorecidas social e economicamente.

Todas essas desvantagens históricas, sociais e políticas, geradas pelo patriarcado, que tinham como ênfase questionar a intelectualidade da mulher tornaram-na neutralizada quanto aos seus direitos. Na área da cultura e literatura, em meados do século XX, passou-se a explorar, mesmo que de forma desvalorizada, as experiências femininas com o intuito de desconstruir e conscientizar as pessoas sobre as opressões, marginalizações e necessidades da mulher. O movimento feminismo impulsionou a busca pela igualdade de direitos, e também, do reconhecimento da representatividade exercidos pelas mulheres na sociedade.

A desconstrução dos processos padronizados existentes na época, tiveram grandes avanços com o surgimento da crítica literária feminista, a partir das décadas de 60 e 70. As mulheres, até então silenciadas foram incentivadas a criar questionamentos sobre os discursos do patriarcado, fazendo críticas e denúncias, bem como falar de suas próprias práticas e

experiências, a fim de transformar o cenário do cânone literário. Como apontado por Zolin (2007), as conquistas adquiridas pelo movimento feminista não garantem a tão sonhada igualdade entre os sexos, mas abriu espaços para uma nova representação e perspectiva da mulher e por assim dizer, da mulher negra.

Tendo em vista a nova perspectiva e representatividade feminina, apresentamos aqui a figura da mulher negra, onde consideramos a construção de uma nova identidade literária (BERND, 1988), e assim, conscientemente o desejo de dar nome aos seus escritos contar suas histórias, denunciando tudo aquilo que lhe foi negado em sua existência e dessa forma, revolucionar a literatura. A partir disso, os discursos irrompidos nas obras literárias de mulheres negras, emolduravam um caráter de gênero, social, racial, e político, que desmistificou o que antes estava camuflado pelos cânones literários, como apresentado por Conceição Evaristo em seu livro “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade” (2009).

É a partir dessas pautas vivenciais, que Carolina Maria de Jesus, assim como Conceição Evaristo, tornaram-se representatividade para muitas escritoras. Diante da escrita dessas autoras, é possível compreender a verdadeira realidade da mulher afro-brasileira no viés da sociedade. Ao longo deste trabalho, destacamos a mulher negra dentro da literatura, sua representação e seu lugar de fala, onde buscamos, através da autora Conceição Evaristo, mulher negra, forte e guerreira, ressaltar, a partir da análise do conto Olhos D’água, reafirmar através de sua escrita, a história por trás do discurso ali narrado, sobre o papel da mulher negra na construção das histórias de nossa vida.

A caminhada de uma mulher que está em processo de formação é cercada por descobertas, diante disso afirmo que os assuntos aplicados no decorrer do curso servem de molde na construção da profissão do futuro educador. O professor ao abordar assuntos em sala de aula impacta a todos à sua volta e de algum modo afeta de maneira positiva ou negativa no caráter profissional a ser construído.

Mediante a isso, é necessário que haja no educador uma sensibilidade para que não seja transferido mesmo que de modo involuntário uma educação bancária, colocando-o em uma posição de oprimido. Freire (1987) diz que os oprimidos são aqueles que passam por várias formas de violência, ou seja, a miséria, fome, a falta de acesso ao conhecimento, a escassez econômica e a falta de moradia tem a capacidade de marginalizar os sujeitos e os deslocar para lugares de opressões. Como demonstrado no poema a seguir esse modelo de educação bancária contribui para a construção de um padrão de educação menos eficaz.

5. A MAÇÃ QUE MUDA DE COR: REFLEXÕES SOBRE O MEU LUGAR E O ENCONTRO COM AS ESCRIVIVÊNCIAS

A maçã que muda de cor é um poema composto pela a autora desse artigo que narra as condições precárias em que vivia quando criança, o poema discorre questões socioeconômicas desfavoráveis, laços familiares, falta de empatia, fome, desafios e medos.

Assim como a história de Conceição Evaristo, a minha também se aproxima desses diversos contextos sociais abordados no conto. Sendo filha de mãe solteira e irmã de mais quatro, apesar de dois dos quatro irmãos terem nascido primeiro, isso não invalidou o fato de não lembrar toda rota sofrida trilhada até aqui.

Minha mãe Maria Gilda Mendes Cardoso, uma mulher negra, cabelos crespos e de classe social baixa narra as dificuldades socioeconômicas que por vezes foram vividas e sofridas. Morava com seu pai e seus muitos irmãos em uma casa de taipa, convivía com a ausência materna, pois a sua mãe, após passar por um grande trauma, sumiu quando tinha nove anos apesar do seu pai ser conservador dedicou-se o seu tempo a amar e cuidar de todos os filhos sem apoio da mãe.

Aos dezesseis anos de idade, já com uma filha resolve casar-se, decisão essa que prorrogou e aumentou o seu sofrimento, pois o cônjuge era uma pessoa malvada e cruel, mas ela se deu conta disso quando já estava grávida e decorrente a isto ficou dependente, após quase dois anos engravida novamente e isso se repete mais uma vez, agora com quatro filhos sobrevivia apenas, pois sofria maus tratos psicológicos e físicos, sem ter apoio ficou exilada a essa situação.

Aos vinte e sete anos com a ajuda de uma amiga, depois de várias tentativas, consegue fugir, carregando consigo uma criança no ventre, outra em seu colo e duas sendo levadas pelas mãos, indo então morar em uma casa que não tinha água e nem luz instalada, pois não tinha dinheiro para pagar um aluguel. Com toda precariedade ela tinha onde morar, mas não tinha o que comer e para fugir da fome com os filhos casou-se novamente e gerou a quinta filha. Esse casamento não foi tão ruim, agora morando em uma casa que tinha luz e água encanada, cozinhava a lenha pois não tinha fogão nem botija de gás, porém, esse novo marido bebia e era agressivo o que resultou em uma separação.

Conseqüentemente ela e as crianças voltaram para a casa de seu pai. Era uma casa muito pequena e quando chovia molhava muito. Lembro-me de uma noite que amanhecemos acordados porque chovia e pingava na nossa “cama” (um colchão no chão da sala), a casa era feita de barro e tinha apenas quatro cômodos, sendo dois quartos, uma sala que era separada da

cozinha por uma cortina e o banheiro era distante da casa e não tinha vaso sanitário, era uma privada feita de pneus e lona. Ali, apesar de ser pequeno, já moravam cinco pessoas e agora seria o dobro. Avó, mãe, sobrinhos filhos, irmãos e primos.

Nesta época o pão custava dez centavos e apesar de ser “barato” era dividido um pão para duas pessoas para ninguém ficar com fome, assim seguimos por algum tempo até que entre 2003 a 2004, nasce o Programa Bolsa Família, que visava a transferência de renda do Governo Federal pessoas carentes, com o intuito de quebrar o ciclo geracional da pobreza, contemplou a minha família que a partir deste momento, cada membro conseguiu comer um pão inteiro.

Apesar de ser contemplada com o programa, os problemas financeiros não foram totalmente solucionados, mas contribuíram para amenizar as mazelas sofridas por esta representação da família brasileira. O Bolsa Família também abriu portas para a educação, com esse dinheiro era comprado cadernos e dois uniformes para serem revezados já que dois dos quatro irmãos estudavam no turno matutino e dois no vespertino. Assim, o tempo foi passando e com todas as dificuldades encontradas no caminho houve força e vontade para que os filhos concluíssem os estudos e apesar do insucesso em algumas áreas instruiu todos os filhos.

Do mesmo modo, assim como Conceição, utilizei a escrita para refletir sobre as minhas vivências, ainda é importante considerar que nessa mesma vertente o poema a maçã que muda de cor de minha autoria aborda em seu corpo questões de desigualdade social.

Ao ingressar no ambiente acadêmico, eu, mulher negra, cabelos crespos, de classe social baixa despertei para uma série de questões antes ignoradas. A distância entre a realidade de uma aluna egressa de escola pública de situação econômica desfavorável e uma universitária é gritante, os desafios a serem enfrentados no aprendizado são inúmeros, como o hábito da rotina de estudos a ser desenvolvido, e o pouco acesso a tecnologia. A inserção nesse novo contexto fez com que surgissem a ansiedade e o medo, desenvolvidos a partir dessa nova realidade, estando associados ao enfrentamento das dificuldades econômicas e a bagagem de traumas trazidos de um passado não tão distante.

Ao chegar ao universo acadêmico, como uma criança com medo do novo e cheia de traumas, deparo-me com Conceição Evaristo, mulher, negra, periférica, escritora de renome, além de docente universitária, e seu conto “Olhos d’água”, através do qual pude perceber as similaridades existentes entre as nossas realidades. Desse modo, abri os olhos para o fato de que não sou a única, e de que antes de mim existiram mulheres fortes que venceram um mundo de dificuldades para que hoje eu fosse contemplada.

Ao sofrer na pela semelhança das vivências expostas em forma de escritas de Evaristo, nasce o desejo por Escrivivência, foi debruçando em seus livros e entrevista, que escrevi uma

das minhas histórias em forma de poema, o mesmo narra sobre a infância nada fácil e cheias de fome, fome de comer, de estudo, de educação, de vencer, no entanto poucos percebiam isso, como por exemplo a professora, os colegas de classe, enfim sistema. E diante disso origina-se o poema a “A maçã que muda de cor”.

Meu irmão com mais idade que eu, porém, ainda criança, acordou bem cedinho, cortou pau, acendeu o fogão (A lenha), fez café.

Andando, com um caderno na mão íamos a escola, era um pouco longe na verdade longe de tudo, longe de casa, longe da minha realidade.

Caminhando chegamos na casa de uma tia, ela me deu uma mochila, que alegria! Coloquei o caderno que trazia na mão e fui para escola.

Cheguei, entrei sentei, a professora logo vem ensinar.

Com uma tarefa mimeografada, com cheiro de álcool, eu sempre gostava de ficar sentindo aquele cheirinho da prova. Avisa que é uma fruta e que vamos pintar, ao deixar a minha no braço da cadeira, vai distribuir as outras e quando a professora retorna, eu já havia pintado a minha prova de roxo.

Não era assim! Não era assim! Não era assim! Dizia a professora para mim. Você pintou de roxo e maçãs são vermelhas.

Eu triste baixei a cabeça e não pude me explicar, maçãs não faziam parte da minha vivência, mas a professora não era sensível para buscar por isso em meu jeito se vesti, de calçar, no meu jeito reprimido de sentar. Eu dava sinais! Eu dava sinais! Eu juro que eu dava sinais! Ela também não foi sensível o bastante para ver isso nas minhas levantadas, ou melhor, nas minhas muitas levantadas para pedir um lápis de cor emprestado e também no meu corpo que era magro. E tudo que eu ouvia é: Tá errado! Tá errado! Tá errado!

O tempo passou e eu ainda me pergunto, maçãs são vermelhas ou terá crianças que ainda veem roxas?

(Produção própria, 2019)

Diante desse exposto é necessário observar os entrelaces que ligam o poema ao conto de Evaristo, ambos narram temas sociais incomum que ecoam de modo a apensar nas inúmeras pessoas que são espelho das histórias vividas e narradas por Evaristo onde as experiências refletem as mesmas questões.

Nesse sentido, é válido ressaltar que muito recente no estagio de regência IV em uma determinada Escola no ensino médio, havia ali um espelho das experiências narradas no poema acima. Sendo negra, de cabelos crespos, moradora de bairro periférico e trazendo consigo marcas de automutilação em seu braço, contam sua história dura que por vezes deixou de assistir a aula para trabalhar braçal em prol de matar a fome, dadas a essas considerações encontra-se respostas para a pergunta feita no final do poema, sim, maçãs ainda são roxas.

O professor de língua portuguesa destaca-se por ser o responsável de inserir o aluno no processo de linguagem, linguística, gramática, instigar no aluno a prática da leitura e escrita

A professora futura de língua português irá colaborar para que o aluno se torne cidadãos, seres pensantes, críticos, protagonista de sua própria história, atuantes. Buscando deixar por algumas vezes o modo tradicional de ensino de lado com intuito de encontrar no discente as suas necessidades reais.

O momento nacional é de luta, de renovação e incita a mudança, favor de uma participação cada vez maior de toda a população e de um exercício cada vez mais pleno da cidadania. O professor não pode ausentar-se desse momento, nem tampouco esta nele de modo superficial. O ensino da língua portuguesa também não deve-se afastar-se desse propósito cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participantes e atuantes, políticas e socialmente. (ANTUNES, 2003, p.15).

Desta forma é necessário que o futuro professor seja apito a mudanças, não se restringindo apenas a um método de ensino, para que não se torne maçante, engessado, sendo assim visando entender as dificuldades vividas por cada aluno.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os fragmentos vivenciais no conto Olhos d'água (2014), é possível ter uma perspectiva dos conflitos sociais e históricos, sendo uma representação do grito dos negros que foram e são silenciados, representando a realidade da população brasileira, em sua maioria negra. Transformando o real em ficcional o conto trouxe a luz o conceito de escrevivência com base na realidade de uma mulher negra que possui o lugar de fala, de uma minoria marginalizada por questões raciais e sociais.

Ainda que com os traços poéticos, Evaristo faz uma importante reflexão sobre ancestralidade, fé, problemas sociais e sentimentais de pessoas que não tinham suas histórias contadas. Olhos d'água é uma forma de ecoar vozes que todos os dias estão caladas por anos, mas ainda existentes, um protesto em forma de literatura, um conflito poético que sai a partir da realidade de Maria da Conceição Evaristo de Brito, mulher negra e periférica que emprestou sua voz para elucidar aos leitores questões fundamentais da nossa realidade.

O entrecruzamento da história da autora com a minha, permitiu-me despertar para uma série de questões históricas, culturais e sociais anteriormente vividas porém de maneira ingênua ignoradas.

No entanto, como ressaltou Foucault (2012), basta somente um discurso primeiro para que outros sejam surgidos tomando rumos diferentes. Nesse mesmo caminho é possível dizer que a partir das escrevivências de Evaristo outras virão.

Escrever a partir de vivências é poder mostrar ao mundo as diversas formas que a literatura tem de atuar é também vivificar ancestralidade, é mostrar quem se é de verdade é ganhar a importância que o tradicionalismo tirou, enfim, escrever é ser presenteado com a oportunidade de compreender a própria realidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Mínima Moralía. Reflexões a partir da vida danificada.** Tradução: Luiz Eduardo Bicca. Revisão da tradução: Guido de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro, Editora Jandaíra, 2021.
- AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil. Brasília:** Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação.** 8ª ed. São Paulo: Parábola
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra.** São Paulo: Ed. Brasiliense.1988.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CORREIA, Ana Paula J. Olhos d'água, de Conceição Evaristo. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 31, jun./2017.
- DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** Livraria F. Alves, 1960.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** Minas Gerais: UFMG, 2011.
- DURÃO. Fábio Akcelrud. **Em Torno da teoria americana – antologia fragmentaria.** In: ARAUJO, Nabil. A crítica literária e a função da teoria – reflexão em quatro tempos. FALE/UFMG. Belo Horizonte – MG. 2019. Pág. 57-77.
- DURÃO. Fábio Akcelrud. **Reflexões sobre a Metodologia de pesquisa nos estudos literários.** D.E.L.T.A., 31-especial, 2015. Pág. 377-390. Editorial, 2003.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO. Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 27, 2º sem. 2009.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOTLIB, Nádía Battella, 1946-**Teoria do conto /Nádía Battela Gotlib.** 11.ed. São Paulo: Ática, 2006. Horizonte: Puc Minas, 2004.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada.** Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. - 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. Pág. 12.

LOBO, Luisa. **Auto-retrato de uma pioneira abolicionista**. In: LOBO, Luiza. Crítica sem juízo.

LUCINDA, Elisa. Mulata exportação. **O semelhante**, v. 3, 2006.

OLIVEIRA, Natalino da Silva. “**Escrever é sangrar**”: reflexões sobre ancestralidade, racismo e dor em Olhos d’água de Conceição Evaristo. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 179-195, 2019.

OYĚWÚMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1º ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2012

REIS, Maria Firmina dos. **A escrava**. In: Úrsula; *A escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte - MG: Letramento. Justificando, 2017. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Maria da Penha. **MULHERES NEGRAS: SUA PARTICIPAÇÃO HISTÓRICA NA SOCIEDADE ESCRAVISTA**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa - PE, v.1, n.1, 2010.

SOBRAL, Cristiane. Petardo. **O Negro em Versos**: Antologia da poesia negra brasileira. SANTOS, Luís Carlos, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. IPOTESI, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. O matador, de Patrícia Melo: gênero e representação. **Revista Letras**, Curitiba, n.71, 2007. Editora UFPR.